EXPEDIENTE.

O methodo para escrever a historia genealogica de familias portuguezas, por um *Amante da verdade* parece-nos mais do dominio da *Gazeta dos Tribunaes* que da *Revista*; razão por que tomámos a liberdade de a passarmos á mão do nosso Amigo, Redactor d'aquella folha para ser n'ella inserto. Esperamos que o auctor reconheça n'isto mesmo o apreço que damos á sua obra.

O *Crime hediondo de um clerigo inglez*, que forçou, recolhendo-se ao domingo do seu officio protestante e pelo modo mais atroz, a *Miss Martha Thornley*, de edade de doze annos, como diz o *Morning Chronicle*, tem clausulas por que não cabe n'este folha: não obstante pelo artigo que sobre isto nos envia *Um Portuguez em Londres* nos confessamos seus devedores.

O artigo philologico do nosso illustre collaborador o Sr. *Rodrigues de Gusmão*, sobre a deliciosa traducção portugueza, que no Porto se publica, dos *Mysterios de Paris*, somos dolorosamente constrangidos a desaproveital-o, pela razão já dada no nosso expediente do n.º 14 d'este volume.

CONHECIMENTOS UTEIS.

MANDUBÍ.

(*Carta.*)

3600 Pareceu-me, por boas rasões, dever apresentar ao publico tudo quanto, por minhas diligencias, pude alcançar, ácerca da preciosa planta, denominada dos naturalistas *Arachris-hypogæa* e no Brazil, na Africa e entre nós, *mandubí*.

É o *mandubí* uma planta annual, cuja hastea vinga a dois pés, pouco mais ou menos de altura: pede ares quentes ou temperados; terra um tanto arcenta e solta, e muito abrigo contra os ventos frios. Não se alcança a sua verdadeira patria: mas é frequente na Asia, Africa, e America; e já tambem na Europa meridional se cultiva, especialmente na Italia, França e Hispanha: sendo mais certa e mais abundante a sua producção, quanto mais para o sul de todos estes reinos.

Provém-lhe o nome de *Hypogæa* do modo singular como nascem os seus fructos, que, emvez de penderem d'entre as folhas, saem dos pedunculos das flores; as quaes, depois da fecundação, se debruçam para a terra e n'ella embebem o seu ovario, até á fundura de duas, tres e quatro polegadas: e o fructo, que é uma vage de polegada, com duas ou tres sementes cada uma do tamanho d'uma avelãa, ahi se desinvolve, e amadurece.

Estes grãos torrados são mantimento muito saboroso e sadio, com que vivem diversos povos da Africa e das paragens tropicaes asiaticas e americanas. Misturados com assucar, supprem o cacau no fabrico do chocolate. Com um terço de caffé e dois d'este fructo, tambem torrado e moido, se faz uma especie de caffé delicioso. De *mandubí* espremido sae aseite, que leva, a muitos respeitos, vantagem ao melhor e mais fino da oliveira, porque dá luz mais clara; tempéra com melhor gôsto; torna o peixe, frito n'elle, mais saboroso; empregado na pintura; em branco, dá-a muito mais pura, e ao sabão, quando com elle se fabrica, não communica cheiro ruim, nem enfraquece nenhuma boa qualidade: e para remate de excellencias affirmam que nunca jámais cria ranço. Da massa, que fica depois do oleo espremido, faz-se pão, misturando-a com qualquer genero de farinha, e sae bom. A raiz da planta suppre a do alcaçuz; e as folhas são forragem para os gados muito appetitosa. Em summa que nenhuma parte d'este abençoado vegetal é perdida, e a minha pena é não saber as suas virtudes medicinaes.

Semeia-se de meado março até meado maio, ficando cada semente distante um palmo das suas visinhas. Colhe-se em septembro ou octubro; e as vages enceleiram-se depois de seccas; mas o grão não se lhes tira de dentro senão quando tem de sorvir. Aos versados na agricultura, que o não sou eu, e especialmente aos que do tracto d'esta planta houverem experiencia, encommendo a bem do interesse commum, completem devidamente a noticia que deixo apenas esboçada.

Fico fazendo activas diligencias para conseguir vages do *mandubí*; logo que as tenha, as remetterei a V. para com ellas brindar os seus subscriptores, que bem o merecem, como socios e auxiliares, que são, de tão util empreza.

João Maria Campelo.

RESPOSTA.

Como procuradores, sem procuração, de todos nossos assignantes, já d'aqui damos graças ao nosso laborioso e instruido correspondente, o Sr. *Campélo*, tanto pelo favor feito, como pelo promettido.

REPOLHO E BATATA DOCE.

(*Carta.*)

3601 Remetto quatro onças de semente de repolho de *Monchique*, e duas batatas roxas da provincia.

Quanto á semente do repolho nada tem de differença da da outra couve, tanto na vista, como na postura, se não querer esta ser mais compassada, e ter bom estrume; eu espero que V. preferirá este repolho ao de Hollanda.

A batata roxa este anno foi muito inferior pela falta de agua, pois o anno passado foram mandadas duas de meia arroba cada uma, para essa côrte; e estas, que remetto só pesam, uma tres arrateis e meio e outra quatro: no caso que para março queiram algumas estacas, (pelo desejo que me assiste de promover a prosperidade de qualquer coisa util) me obrigo a remettel-as a essa illustre redacção, reservando para então indicar a maneira de se plantar. Eu espero que lá as provem ou cosidas, ou assadas no forno; e sobre o seu gosto deem o seu parecer.

Loulé 31 de octubro de 1844.

João José Jára.

RESPOSTA.

Agradecemos e acceitamos o offerecimento, que, por nossa via, faz ao publico o nosso estimavel assignante. As sementes do repolho começam desde hoje a distribuir-se n'este escriptorio. As batatas doces achamol-as de excellente gosto e muito dignas de se vulgarisarem: uma d'ellas fica n'este escriptorio guardada para poder ser vista dos curiosos.

OFFERECIMENTO DE UM POSTRE DELICIOSO.

(*Carta.*)

3602 Tem a *Revista Universal Lisbonense* realisado, e até excedido a phantastica virtude da prodigiosa *Cornucopia*, pois é a dispenseira constante e inexgotavel d'abundancia e riquezas physicas e moraes, e tem por unico intuito generalisar o que é

util n'um e n'outro genero n'este abençoado sólo, tão predilecto da natureza, mas cujos felizes habitantes por um culpavel desleixo, se não teem aproveitado até o presente das singulares vantagens, que lhes offerece este precioso torrão, sempre de todos os povos tão invejado. Esforços tão generosos cumpre que todos os auxiliem; e por isso me lembra offertar-lhe semente da mais preciosa qualidade de melancias, que até o presente tenho visto. Aqui, sendo terreno mui proprio para ellas, e havendo-as de mui boas qualidades, preferem-se estas a todas as outras. Esta qualidade obtive-a por meio de um cavalheiro meu amigo de ao pé de *Ponte de Lima*: denominamol-as — melancias de *pevide branca* — porque assim as teem na realidade. São mui tenras, mui sucosas, e mui doces, muito encarnadas, e quasi sem entrecasco. Teem ao principio os meloeiros alguma difficuldade em conhecer quando estão maduras, mas não as colhendo verdes, e que a planta não esteja tremida, saem todas boas.

Se acaso por lá não as houver ainda (o que talvez aconteça, pois julgo ser qualidade nova naturalmente vinda de fóra) e V. quizer a semente para fazer a muito util e louvavel distribuição que costuma; com aviso, ou declaração sua, remetterei uma porçãosinha d'ella, que se nas mais partes frisar tão bem como aqui, não desagradecerá a offerta quem for como eu apaixonado de um fructo tão bello e delicioso.

Moncorvo 24 de octubro de 1844.

F. A. Carneiro de Magalhães.

RESPOSTA.

A empreza da *Revista Universal* agradece ao honrado e generoso correspondente o seu offerecimento: é persuadida de que essa preciosa variedade de melancias não é ainda vulgar, nem conhecida na maior parte do reino, fica anciosamente esperando pelas sementes, para as distribuir áquelles de seus assignantes que as desejarem. A empreza não póde por esta occasião dissimular, que de véras se congratula com sigo mesma, e quasi se desvanece, de haver chegado a introduzir com o seu jornal esta permutação gratuita e geral de generos uteis, de conselhos, e de instrucção, de que tantos particulares já se aproveitam, de que muitos mais se irão aproveitando com o tempo; e com que, no rodear dos annos, a agricultura e a industria haverão indefectivelmente recebido incrementos, que aliás tarde ou nunca jamais alcançariam. Propomos o exemplo d'este e dos outros Srs., que assim repartem com os seus concidadãos o que teem de melhor, á gratidão de todos e á imitação de quantos, no muito ou no pouco, se acharem em circumstancias de os imitar. Os nomes de taes benemeritos serão sempre por nós declarados.

INNOVAÇÕES PROPOSTAS PARA O FABRÍCO DO AZEITE PORTUGUEZ.

(*Carta.*)

3603 Disse eu na minha ultima, artigo 3536, que os lagares que pelas immediações de Coimbra tinha visto, por desejos que tinha de instruir-me no fabrico do azeite, careciam do conveniente aceio. Vou agora expôr algumas lembranças para se elles melhorarem.

Com pouca despesa se conseguirá tornal-os claros e arejados; por cima algumas telhas de vidro, e na parede uma ou duas janellas bastarão para isso. Nada tão vantajoso para impedir o fumo, e augmentar a combustão, como uma chaminé de folha de ferro, que tendo seis polegadas de diametro, e a necessaria altura para sobresaír ao telhado, poderá importar em 4:000 a 4:800 réis, sendo feita por qualquer ferreiro d'aldeia: se quizerem envernisal-a (como a outros quaesquer ferros) poderão servir-se do *cualtar* ou alcatrão, porque para taes obras é um excellente verniz preto, e tambem o ha côr de castanha; podendo obtel-os da villa da Figueira, de Coimbra, e d'esta cidade a 75 réis cada garrafa: sendo o methodo de dal-o, aquecer um pouco o ferro, e esfregal-o com um panno empapado no dicto *cualtar*.

Em algum dos lagares (seja-me relevada a minha sinceridade) tenho visto a azeitona mal estimada, e amontoada pelo chão sujo, e bem perto d'ella o estrume dos animaes que tocam o ingenho. Tambem notei não se fazer mais de uma qualidade d'azeite podendo-se fazer varias; bem como que da azeitona se não extrae todo o oleo, que ella poderia dar.

Facil é o remedio para o primeiro defeito, se os donos dos lagares vigiarem por si, emvez de se fiarem em mercenarios.

Só com alguma reforma nos ingenhos, é que se poderia conseguir o bom resultado de apurar diversas sortes de azeite. Os lagares, como os eu intendo, são até mais simplices e menos caros. Galgas ou pias de pedra e rodas dentadas tudo se dispensa; d'onde resulta economia de dinheiro, d'espaço, e de força. Suppre-se isso com quatro cilindros de ferro de dois palmos de comprimento, com pouco mais ou menos de um e meio de diametro, e coisa de trinta estrias em cada um, dispostas ao comprido para os cilindros introsgarem ou engranzarem uns nos outros. Dois d'estes cilindros serão applicados ao prolongamento do eixo da roda hydraulica, eixo que deve trabalhar horisontal, fasendo a roda pouco mais ou menos 18 giros por minuto. Visto que estes dois cilindros se suppõe montados no mesmo eixo da roda, estão em direitura d'elle, e girando a roda com o seu eixo, elles se moverão na mesma direcção; mas cada um d'elles tem 30 estrias ou dentes angulares: por conseguinte se se lhes aproximarem os outros dois cilindros em distancias convenientes, lhes communicarão o seu movimento; e se entre os dentes d'elles se introduzirem azeitonas, elles (os primeiros dois) lhes separarão o caroço da polpa, pois se deve egualmente suppôr que deverá haver entre cada uma das estrias dos dois cilindros um espaço sufficiente, para se não esmagar o caroço; e para que a massa não vá pegada aos dentes egualmente haverá duas reguas de ferro, ou rapadoras, impellidas por uma móla cada uma, as quaes reguas deverão encostar-se aos cilindros uma d'um lado, outra do outro, e introduzir-se nas profundidades dos dentes.

A azeitona deverá ser lançada n'um deposito que esteja superior aos cilindros, e saír por uma abertura longitudinal, que esteja proxima dos dois cilindros o que fôr sufficiente para os dentes a não tocarem: pela largura d'ella não possa saír mais do que uma á vez, mas vinte ou trinta pelo seu comprimento, o qual comprimento poderá ser regulado como se desejar, para saírem as que se queiram.

Separada a polpa do caroço por meio d'estes dois cilindros, é apanhada a massa em gamellas e levada para encher as ceiras, e soffrer a primeira espressão

(que não deve ser forte); e do oleo resultante teremos um azeite da primeira qualidade.

Tirada a massa das ceiras, desfeitos os torrões, junctando se-lhe alguma agua quente (se parecer conveniente) e lançada n'outro deposito que, como o primeiro, communique com os outros dois cilindros, estando estes mais unidos, a ponto de entre os dentes podêrem quebrar os caroços, teremos a massa propria para o azeite da segunda qualidade, que por egual meio será levada ás ceiras e prensas, onde deverá ter maior pressão; mas julgando-se que a massa ou baganha poderá conter ainda algum oleo, este se poderá extrair pelo systema da cascata de depuração de que se faz uso na Italia, que vem mencionada na *Memoria theorica e pratica sobre o fabrico do azeite* (París 1842). Não tenho nenhum escripto d'estes á mão, e nem sequer o do Sr. *Dalla-Bella*, que sobre esta materia escreveu no seculo passado, cujas doctrinas sigo em parte, ainda que ao presente só pela reminiscencia.

¿Terei eu sido bastante claro para ser compreendido por quem o desejar? não sei. Poderia sel-o mais se lhe junctasse alguns traços de desenho, que se me forem exigidos por alguem, com toda a franqueza me prestarei a isso, bem como a dar outros esclarecimentos mais.

Desterrem ou queimem as varas ou traves que servem para espremer a azeitona. Approveitem-se unicamente do fuso de páo, se os não quizerem ter de ferro, e multipliquem em cada um dos lagares esta qualidade de prensas puxadas por um sarilho: e meia duzia d'ellas que haja, talvez não occupem maior espaço n'um lagar do que duas ou tres de varas, pois supponho que esta quantidade será a sufficiente para dar vasão á massa fabricada pelos cilindros. (1)

Desejava eu que o governo de S. M., tomando na devida consideração tão importante ramo da nossa agricultura, e consultando a quem sobre este assumpto podesse dar esclarecimentos theoricos e praticos; empregasse alguns meios, que sua illustrada sabedoria lhe sugerisse, ainda que não fossem senão indirectos, para fazer generalisar estas sim pequenas no pouco, no muito porém momentosissimas innovações. Para este assumpto convido tambem, e rogo que voltem as suas attenções os sabios collaboradores da *Revista*, que tão uteis artigos lhe teem já communicado sobre agricultura, dizendo sobre elle o que melhor souberem, ou pelo terem visto ou pelo terem lido, ou pelo terem elles proprios inventado: porque estou certo de que a redacção, tão zelosa como se tem mostrado a respeito dos nossos progressos materiaes, não denegará cabida a taes artigos.

Talvez que para a presente colheita seja tarde o tractar-se melhor este assumpto, e que para a vindoura já nada lembre do que pennas mais habeis e talentos superiores ao meu possam sugerir. Mas estejam certos de que em tempo competente, se for vivo, eu farei o meu requerimento á *Revista Universal* para que o recorde.

Approveitem-se os proprietarios empreendedores provicianos das excellentes fundições de ferro d'esta cidade, e com especialidade da do Bicalho, onde ha todas as proporções para com perfeição se fazer qualquer machina quer agricola quer industrial. Alli se podem construir machinas de vapor de baixa e alta pressão de qualquer força que se deseje. Alli se está construindo uma de alta pressão, da força de seis cavallos, que ha-de ir para Hispanha para a cidade de Sevilha para uma serraria alternativa do systema de Mr. E. Philippes, cujo systema ahi se porá em pratica; e até com algumas modificações (se se exigir) e se dará muito mais barato.

¡Que excellente prelo eu alli vi na occasião de visitar aquelle estabelecimento!! Que excellentes e grandes tornos mecanicos tocados por uma machina de vapor da força de quatorze cavallos! que magnifica machina d'aplainar! que optimo ingenho d'atarraxar! que ricas machinas de furar! ¿ e acabará tão util estabelecimento? Não acabará e nem se fechará, embora o furor inglez se torne a conspirar, como já fez e para o que espalhou bom dinheiro. Graças ao Sr. *Lidório* a quem, supposto o não conheço ainda pessoalmente, tributo já aqui os meus devidos agradecimentos, e graças emfim a todos os que impediram a penhora.

Para provar a sua utilidade farei uma pergunta: — ¿Se não existisse aquelle estabelecimento d'onde se arranjaria o vapor Porto, que hontem saiu d'esta cidade para a de Lisboa? Talvez na Inglaterra.

Deus proteja, e os homens animem e coadjuvem um tão respeitavel estabelecimento, que na realidade honra ao nosso paiz.

Porto 30 d'octubro de 1844. *Verissimo Alves Pereira.*

(1) Se alguma pessoa ignorar como sejam as prensas de ferro sem vara, ha uma no lagar da quinta da *Varzia*, ao pé de *Coimbra*, que poderão ver.

AMOREIRAS.

3604 Extraimos de uma carta que nos escreve do Porto o nosso amigo o Sr. *Luiz Walter Tinelli* o seguinte: —

«Não obstante a incertesa em que vivo a respeito do exito, que poderão ter as minhas pertenções perante o governo portuguez, pertenções aliás utilissimas para este reino, não obstante por falta de um despacho, que ha dois annos solicito, ser-me impossivel antever, se poderei ou não ficar com a porção da *Serra do Pilar*, em que principiei as minhas plantações, e d'onde algum dia se abasteceriam de amoreiras todas estas provincias, não obstante emfim o não me affoitar eu, por causa d'estas incertesas a fundar já em ponto grande o meu estabelecimento seropédico normal, cá vou continuando com a minha teima de plantar e cultivar as minhas arvores favoritas, que talvez qualquer dia me veja obrigado a arrancar e levar ás costas para outra parte, como o arabe do deserto muda a tenda e a familia para ir buscar melhor fortuna ao pé de outro *oasis*. Este anno augmentei eu consideravelmente as minhas plantações, tanto em numero de arbustos como em variedades de especies.»

«Eis-aqui ao presente o seu inventario, cuja exacção póde ser por toda a gente verificada: — doze mil arbustos multicaules de tres annos; seis mil dictos de dois annos: quatro mil macrophilas de tres annos: dez mil de dois annos: dez mil amoreiras brancas de Italia de dois a tres annos: cincoenta hybridas, isto é multicaules enxertadas em macrophilas, individuos bellissimos de tres annos: cem amoreiras do Piemonte, mettidas com enxèrto alto, e de edade de quatro annos: cem de Italia: cincoenta da Carolina de qua-

tro annos: cincoenta de Constantinopla de quatro annos: cincoenta do Japão de quatro annos: cincoenta *nervosas* de quatro annos: cincoenta *moretos* de quatro annos. — Seis amoreiras do paiz dos Osages: seis piramidaes: seis de Hispanha de fructo branco e vermelho: e seis do Canadá. Estas ultimas quatro variedades dão fructa excellente e são ornato magnifico para jardins: somma 42:574 amoreiras.»

COMO SE HÃO DE EXPURGAR DOS INSECTOS LAPAS AS PLANTAS DOS JARDINS.

(Carta.)

3605 Pede o *Florista Curioso* no artigo 3581 da *Revista* uma coisa mui simples e mui louvavel. Tem paixão pelo seu quintal; ama ternamente as flores, tem rasão. Flores! Não sei que haja coisa mais bella, e mais amavel. Procurar a sua conservação, e guaril-as contra a invasão atrevida, e devastadora dos insectos, é gentileza de bom amador. Pena é que se lhes não possa dilatar mais a existencia; esta falta da natureza, ou esta pensão natural, impostas ás lindezas de *Flora*, é talvez compensada com a sua multiplicação, e variedade.

Mas emfim quer elle um remedio que mate as *Lapas*. Sim, Senhor; eu lh'o aponto. Pegue no 2.° volume do *Jornal dos Conhecimentos Uteis*, francez, leia a paginas 268, e achará a receita de um liquido inventado pelo Sr. *Tatin*, e muito recommendado para o effeito requerido. Se com elle, que não é caro, não conseguir o que deseja, sirva-se do seguinte: — arsenico em pó, meia onça: áloés soccotrino, duas oitavas: agua, oito libras; seja tudo misturado, por quem intender; e tenha-se com este liquido a maior cautella. Lança-se sobre os cactos, por meio de um regador, duas vezes ao dia; mata e afugenta os vermes e os insectos, sem damnificar as plantas.

Henrique José de Sousa Telles.

RESPOSTA ÁS QUESTÕES DE JURISPRUDENCIA RURAL.

3606 Li o artigo 3592 do seu jornal, e annuindo ao pedido do seu assignante, vou responder á pergunta.

¿Os lavradores, que pagam fóros a pessoas residentes em Lisboa devem pagar os direitos do terreiro com o seu addicionamento para a junta do credito publico? — Não.

Devo antes de entrar na questão fazer uma declaração — sou lavrador, e advogado, profissões ambas de que muito me honro: não me move n'esta questão interesse algum especial; e sómente o interesse geral: nem como lavrador, nem como advogado tenho n'ella interesse algum especial, porque nem pago, nem recebo fôro algum em Lisboa, a que a especie diga respeito, nem defendo causa alguma d'esta natureza.

O tributo, a que se refere a pergunta, é um tributo de consumo, imposto sobre o consumidor residente na capital: tributos d'esta natureza e todos os outros que se cobram nas Septe Casas, além de servirem para acudir ás despesas do estado, servem tambem para neutralisar a tendencia que ha de deixar as provincias para vir viver na capital; o que em geral para o reino é um mal: tributos, que justificados na sua origem, são hoje quasi insupportaveis, não pela qualidade, mas sim pela quantidade: pois que alguns ha como do vinho que andando por 480 rs. o almude, é quasi 300 por 100 do valor real do vinho, pois na colheita de 1843, todos sabem que muito se vendeu a 160 rs. o almude!!!

Não podendo pois negar-se ao tributo, a qualidade de tributo de consumo, é evidente que elle ha-de pesar immediatamente sobre o consumidor, e não sobre o productor: muito embora, como todos reconhecem, e eu tambem, elle tenha grande reflexo sobre o productor.

A respeito pois dos foros, cujos contractos datam da epocha em que o trigo não pagava tal tributo, nenhuma duvida póde haver em que elle pesa sobre o senhorio, embora se dêem no contracto todas aquellas condições *posto em casa do senhorio na cidade de Lisboa, á custa d'elle foreiro, livre de qualquer penção ou tributo*: porque nunca se póde nem deve intender a respeito dos tributos futuros, e muito especialmente da qualidade d'estes: assim como quando se impõe ao foreiro a obrigação de pagar o fôro ao senhorio, em sua casa, morando elle em Coimbra, quando se fazia o contracto, ainda que se não faça declaração de que a casa d'elle é em Coimbra, se elle por qualquer motivo muda para o Porto, ou Faro, o foreiro não tem obrigação de lá ir levar o fôro a essas cidades de Porto ou Faro: assim tambem no caso presente: accresce mais que pelos principios geraes de direito, sempre a interpetração é mais a favor do foreiro, que do senhorio: pois este tracta *de lucro captando*; e aquelle de *damno evitando*.

O senhorio quando existia o terreiro, e só n'elle se permettia a entrada do trigo, sómente podia receber o trigo em sua casa, e deixar de dar entrada no terreiro, attestando que elle era para os gastos de sua casa, se elle assim não attestava; o trigo havia entrar no terreiro: o tributo portanto n'este caso cobrava-se do consumidor ou comprador do genero, pois ao senhorio só lhe entregava no terreiro o liquido, depois de abatidas as despesas e tributos, e n'estes entrava o de consumo: e n'este caso cessava a obrigação do emphiteuta lh'o levar a casa, pois havia obstaculo invencivel: ¿como é pois que se póde sustentar, que o direito diversificasse jurando o senhorio que era para seu gasto, e que em tal caso o tributo de consumo imposto ao senhorio pelo facto de residir em Lisboa, fosse pago pelo emphiteuta que não reside em Lisboa, nem gosa dos commodos da capital?

No genero trigo, a differença não é tão sensivel, porém no genero vinho se vingasse a opinião contraria, o emphiteuta, que pagasse um almude de fôro, viria d'este modo a pagar quatro; um que trazia em genero, e tres que precisava vender para apurar o tributo que tinha de pagar!!

O senhorio só tem direito de receber o fôro, e de não ser deteriorado; porém não de tirar lucro do tributo: quando não havia este tributo o trigo em Lisboa apenas valia em regra geral, mais do que no logar da produção, a differença do custo do carrêto: hoje val mais a differença do tributo: logo sendo o tributo pago pelo senhorio, elle não soffre prejuiso, pois que demais o recebe do comprador; e mesmo pagando o tributo recebe tanto quanto antigamente. Se fosse pago pelo foreiro, elle senhorio receberia mais do que o fôro estipulado, e se locupletaria com jactura alheia.

A Legislação sobre a decima dos foros, exarada na Resol. 23.ª de 12 de junho de 1770, e a do

Alv. de 22 de junho de 1802, em que se ordenou que as decimas do foro sejam á custa do senhorio, e não do emphiteuta, ainda quando seja expressamente estipulado o contrario, bem se podem aplicar ao caso presente, pois ha a mesma razão de direito, e portanto deve haver a mesma decisão: e apesar da alteração que hoje se acha consignada na lei de 7 de abril de 1838, bem se póde sustentar, que ainda mesmo nos contractos feitos depois da existencia do tributo, sempre elle deve ser pago pelo senhorio e não pelo emphiteuta. Se porém n'esta ultima especie se póde dar alguma duvida, ella cessou totalmente na primeira; isto é contracto anterior á existencia do tributo: que é propriamente a especie de que nos occupamos. Muito e muito se póde ainda dizer sobre a materia, a escassez de tempo não o permitte, e somente apresentarei mais uma unica razão.

Para o trigo ser conduzido á casa do senhorio precisa d'uma guia, e para entrar as portas da cidade dé pagar os direitos, para o que se passa um recibo; indo sem este, é tomado por perdido. O emphiteuta supponhamos paga o tributo, porque sem elle não o póde conduzir a casa do senhorio: chegado porém ahi, elle não póde ser obrigado, a, além do fôro, dar o bilhete ao senhorio, pois que a sua obrigação, ainda no sentido mais estricto está cumprida entregando o trigo: elle senhorio não póde conservar sem risco o trigo em casa, sem ter pago os direitos, nem o póde fazer sair da casa para o moinho etc. sem ir acompanhado do dicto bilhete: logo ou elle ha-de comprar o bilhete ao emphiteuta, o que é o mesmo que pagar o tributo, ou aliás ha-de correr o risco de lh'o tomarem por perdido tendo-o em casa sem o bilhete dos direitos, ou conduzindo-o d'ahi para qualquer parte sem elle; ou ha-de ir pagar outro tributo. Dar á lei interpretação de que resultem taes absurdos, eis o que me parece insustentavel: estando eu bem convencido que d'isto, não entregar o bilhete, é um meio legal, que o emphiteuta tem, para conduzindo o trigo a casa do senhorio, ser este quem pague o tributo.

Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman.

OUTRA RESOLUÇÃO DAS QUESTÕES DE JURISPRUDENCIA RURAL PROPOSTAS POR UM LAVRADOR DO DISTRICTO DE LISBOA NO ARTIGO 3592 DO N.º 16 DA REVISTA UNIVERSAL.

3607 As questões, cuja solução se procura, reduzem-se a saber—se é o foreiro, ou o senhorio o que tem de pagar o despacho, o direito do terreiro dos cereaes que o primeiro é obrigado a pagar de foro ao segundo?

Para decidir com segurança convem distinguir os casos em que as escripturas do aforamento são ommissas a respeito da solução dos tributos geraes, e locaes, dos outros casos em que o senhorio outorgou expressamente—que o foreiro lhe porá o foro em casa livre de todos os direitos; etc.

Nos casos da primeira especie o pagamento dos tributos relativos ao foro pesa nos senhorios, ainda que nas escripturas haja clausula de lh'o mandar o foreiro a casa á sua custa; e isto porque essa clausula não involve outras despesas, que as da conducção por conta do emphiteuta.

Nos casos porém da segunda especie, não é tão facil resolver á vista das encontradas opiniões de muitos jurisconsultos de boa nota, e dos contrarios arestos; e até da disposição d'algumas leis. No anno de 1770 levantaram-se muitas questões entre senhorios e foreiros, sobre quaes d'elles deviam pagar a decima lançada aos foros apesar da clareza dos contractos: e as resoluções de 12 de junho no §. 23 deram-lhes treguas impondo aquella obrigação nos senhorios: mas a guerra tornou a atear-se por que existia o pacto: e o alvará de 22 de junho de 1802 proclamou o principio—que a decima era contribuição geral e directa, imposta ao que percebia lucro, devendo consequentemente o pacto ceder á lei.

Assim mesmo porém appareceu o celebre jurisconsulto Almeida e Sousa, sustentando a grande questão em favor dos senhorios n'aquelles casos d'aforamento posterior á creação da decima; e fundou-se na L. 1.ª Cod. de Jur. emphyt. do Imp. Zeno; L. 2.ª, e 3.ª Cod.; na Ord. Liv. 2.º tit. 35 §. 7, Liv. 4.º tit. 36 §. 5.º, e tit. 38 §. 4; na auctoridade de muitos doctores, para fazer valer a regra romana—*pacta dant legem contractibus*; e ainda d'esta vez não ficou o mundo em paz! Graças á actual legislação, que a segurou estabelecendo que o senhorio a pague se o contracto o não impôz ao foreiro; se não, não.

¿A que proposito tudo isto? Direi que o não é em quanto pertendo mostrar, que se levou muitos annos a questionar um ponto muito claro, e muito liquido, por se não ter advertido a que o foreiro, tomando a sua conta a obrigação de pagar a decima do foro, aforava pelo que ficava pagando ao senhorio, e ao erario; nas duas coisas consistia o canon: aqui não havia pacto contra as leis.

Vindo á questão: repare o nosso lavrador, e reparem todos os foreiros, que estiverem nas mesmas circumstancias, em que o terreiro pela organisação que lhe dá o decreto de 28 de agosto não é deposito, nem armazem de foros, e sim de cereaes para venda: este não é o logar onde os senhorios o devem receber, e conseguintemente não ha tributo, nem quota a pagar alli, senão quando os foreiros lá o depositem (e então pagam os direitos á sua custa, porque assim o querem); ou quando os senhorios o queiram alli vender, e n'este caso a obrigação pesa no que leva o interesse; isto é—nos senhorios.

De graça, não se nos levará a mal que digamos só isto no assumpto.

Santarem aos 12 de novembro 1844.

José de Freitas Amorim Barbosa.

REFLEXÕES SOBRE O DECRETO DE 18 DE SEPTEMBRO ACERCA DA SAUDE PUBLICA.

(*Vem de pagina* 184.)

3608 Continuando com a questão do exercicio da medicina, que se agita hoje entre nós, questão, que julgamos sufficientemente amadurecida para se poder resolver de uma vez satisfatoriamente, dizemos, que uma confusão nas expressões tem talvez obstado, a que os partidos belligerantes se intendam; factos e argumentos teem elles ambos para se atacarem reciprocamente: mas *le fait tue, l'esprit vivifie*, diz Stael. O espirito da questão é que nos ha-de levar á sua resolução: concordemos em principios: dedusamos logicamente. A sciencia hoje é uma: a clinica é diversa ¿quaes os limites d'esta? Aqui a difficuldade. Os

dois ramos belligerantes, separados e distinctos por muito tempo, vieram com o progresso da sciencia a encontrar-se no mesmo terreno. — A medicina antiga contemplando o homem interno, o todo em geral, era de propriedades, e qualidades; — a exaltação de forças, a privação de forças e as propriedades vitaes eram tudo quanto ella via: — a organisação em particular, o tecido local era pouco estudado: — a revolução obra dos tempos tambem chegou á medicina, como tinha chegado ás outras sciencias, á moral, á politica: — o theatro anatomico tambem teve o seu Mirabeau: — as molestias localisaram-se, e partindo d'um ponto fizeram, contribuir toda a economia: — a cirurgia exclusivamente local, revolucionou, e estendeu-se por toda a economia egualmente: — feita esta juncção, percisou o medico de estudar a cirurgia, o cirurgião a medicina: — acabou a differença, ficou o nome; e d'aqui a questão, que hoje portanto nada significa: uma verdadeira questão da palavra: — a medicina percisa de uma nomenclatura; oxalá que imitando a chimica não seja tão prodiga de expressões. A questão portanto entre nós deve reduzir-se, a saber, se as eschólas satisfazem ás necessidades da sciencia. — Parece-nos, que nos não enganamos, se affirmarmos, que a resposta, que dariam os professores da eschóla, é contra as suas eschólas; parece-nos, que elles mesmos sendo os competentes na materia desejariam uma reforma: porque o estado actual do ensino é mau. — A eschóla de Coimbra, com quanto tenha suas cadeiras de cirurgia, não faz cirurgiões. Lá figura no quadro da faculdade uma cadeira de partos, que não existe; e que ao mesmo tempo é um objecto de discordia. — Os professores de Lisboa veem-se obrigados nos seus respectivos cursos a ensinar physica, chimica, e botanica, porque os discipulos até agora ainda não poderam tirar á medicina estes estudos indispensaveis; — nem tal podia acontecer, porque só depois da organisação da eschóla polytechnica, é que se podia realisar a reforma, que em 1836 regulou os estudos medicos de Lisboa e Porto: — note-se que cinco annos de medicina, com dois de preparatorios pelo menos fazem sete, que sommados a 1836 dão 1843, e portanto d'esta data em diante é que podem formar-se estudantes com o curso completo. — Pelo decreto de 20 de septembro ainda é perciso mais tempo. — Logo as eschólas não produzem clinicos de ambos os ramos, como a sciencia hoje exige: — logo tudo quanto se legislar sobre uma base falsa, é mal deduzido.

Se reflectirmos mais, que sendo a sciencia a mesma, o plano de estudos é diverso nas differentes eschólas, que umas teem cadeiras, que outras não teem; o que repugna com o senso commum: — se considerarmos ainda mais, que a sciencia vae a tomar um novo aspecto; que a clinica hoje tem um grau de certeza, que lhe dão as sciencias accessorias, e accessorias emquanto se não juntam — para lá caminham: — clinica que percisa portanto de instrumentos, cujo uso, e emprego não é dos mais faceis; e que exige um conhecimento cabal das sciencias. Se considerarmos estas necessidades da sciencia, concluiremos, que o ensino tal qual está entre nós não satisfaz; e exige uma reforma — a qual se deve pedir ao governo que segundo declarou em parlamento está prompto a aceital-a: ha portanto um vicio organico, que convem destruir, *ablata causa*, cessam todas estas disputas, que nada significam, emquanto se não operar a reforma, que apontamos necessaria — e só assim é que concebemos, que a legislação possa ter força: porque legislação, que não convence pouco presta. A lei é um rigoroso sillogismo: seus preceitos devem exprimir a verdade, depender da analyse dos phenomenos e de suas relações constantes: — as leis moraes e sociaes devem ser como as leis physicas uma inducção rigorosa da observação. * *

ALGUMAS REFLEXÕES GERAES PARA QUEM HOUVER DE EDIFICAR URBANA OU RUSTICAMENTE.

3609 Da sciencia e arte de edificar e dispôr por dentro as vivendas muito se carece em Portugal, principalmente nos campos. Esta mingua é effeito de se não verem bons exemplares, que nos agucem a reflexão, louvaveis invejas e cobiça de imital-os: mas esta falta poderá, como quer que seja supprir-se, apontando e motivando em estylo claro e chão algumas regras principaes do construir.

«As casas eram, nos tempos antigos, (como bem ponderou já o redactor da *Revista*) apenas um abrigo para o leito, para o berço, e para os haveres de cada um, e uma semi-clausura para as mulheres; as quaes sempre, e ainda hoje padecem mais do que os homens, pela falta de exercicio, mettidas em casas mal construidas e pessimamente reparadas. As casas devem ser hoje, e são entre as nações modernas um assumpto inexgotavel de estudo, porque além de conterem os destinos da familia, são tambem o fóco, onde os estranhos se vem reunir, attraidos pelo estrondo das festas, pela liberdade do amor, e pelas relações mutuas de mil interesses.»

Costuma-se dizer entre nós a casa é a sepultura da vida.

E bem acerta o nome, que nas casas, que edificamos assim, minguam totalmente commodidades e agasalho.

Não ha uniformidade nos gostos, não ha gosto nacional. Cada architeto quer fazer brilhar sua invenção; cada proprietario quer realisar suas phantasias.

Nas cidades as construcções de casas são com muito poucas excepções tão más como nas aldêas: não exceptuarei Lisboa, onde as casas, em apparencia bem construidas, e parecendo ter accommodações e regularidade, nada d'isto teem, principalmente as antigas. As casas da cidade nova no *Rocio*, *ruas Augusta*, *do Oiro*, *da Prata*, *Fanqueiros*, e outras, que apresentam um exterior de elegancia; quando se observam em seus interiores, acham-se mal divididas, com poucas, e insignificantes accommodações, com pequenas salas, e quartos, e com os despejos dentro, e as trazeiras faltas de luz; o que as torna doentias. Os estreitos saguões lhes empatam o ar, e a luz; o que juncto aos vapores, que os ventos trazem do mar pelos canos, principalmente reinando vento sul, origina ou aggrava muitas molestias.

Na rua dos *Fanqueiros* viveu ha annos uma familia de meu conhecimento, que andava sempre enferma: recommendou o facultativo que se mudassem, fizeram-n'o, logo se recuperou a saude; de um cano lhe vinha todo o veneno. Os doentes de entranhas, reumatismo, e peito, hão-de por força em taes casas vi-

ver mal e morrer cedo: é portanto d'absoluta necessidade que os senhorios d'ellas façam, o que já outros teem feito, mandando pôr as pias de despejos por fóra das casas, com válvulas, que não deixem saír as baforadas do mar e os fetidos que certos ventos por alli arrojam.

Com bons mestres de obras e de consciencia tudo isto se faz depressa, bem e barato.

Outra falta muito notavel se encontra em nosso paiz; podendo as casas ter como as d'Inglaterra, e d'outros paizes do norte, quartos baixos e ao réz da rua; ou os não fazem ou se julga indecente ou pouco sadio o morar n'elles. Não pensam assim os inglezes, cujas casas nas principaes, e mais opulentas ruas de Londres, e d'outras cidades são destinadas nos seus baixos para as vivendas dos lords e mais pessoas ricas. Isto se faz em um paiz que está meio anno atapetado de neves, coberto de nevoeiros e empapado em aguas. ¿Que se póde pois temer no ameno *Portugal?*

Fazem-se as construcções em Inglaterra, deixando a terra separada das paredes com vãos de braça de largura e mais, para que as aguas se lhe não communiquem; e são estes vãos ou saguões tão bem construidos, e betumados, que despejam, e levam todas as aguas aos desaguadoiros e canos geraes. Ora fazendo-se isto em um paiz plano, com quanto maior economia e facilidade o não podemos praticar nas nossas terras que teem pela maior parte desaguadoiros em declivio? Abaixo do nivel da terra profunda-se o solo, para se formarem por baixo das cozinhas e da vivenda da familia, as carvoeiras, as cavas para azeite, vinho, cerveja, vinagre, batatas, legumes; emfim são alli os celeiros, adegas, e despensas. Um casal de nossas aldêas occupa terreno com casas, adegas e celeiros que bastaria para tres ou quatro familias inglezas, e com maiores commodidades.

Feitos estes armazens, construe-se a casa terrea, que, apesar de ficar com cavas e despensas, se deixa muitas vezes abaixo do nivel da terra. Seria bom adoptar-se cá a mesma construcção, que livraria mais do vento, e por isso teria no inverno calor e no verão frescura.

Conhecemos casas nas provincias do norte do reino que, sem serem tão perfeitas como as inglezas, conservam no inverno uma temperatura que dispensa lume; — quando forem construidas convenientemente, e pela fórma indicada, estamos certos, de que serão habitações muito commodas e aprazíveis.

São estas as casas, que com preferencia devem ser adoptadas em *Portugal*, que se compoem pela maior parte de lavradores, os quaes por seus continuados trabalhos domesticos e ruraes percisam de se livrar da canceira de andarem sempre a subir, e descer. As cosinhas é que são sobre tudo incommodas nos primeiros e segundos andares das casas; o continuado, e nunca interrompido serviço de cosinhar em todo o dia e na maior parte da noite, para dar de comer á familia, gente de trabalho, e animaes, exige imperiosamente casas ao nivel da terra; e taes cosinhas não haja receio de serem humidas; tendo-se cuidado de deixar vãos, que separem a terra das paredes das casas; e se os mesmos vãos, em que caírem as aguas as despejarem para logares que lhes deem facil escoante: d'esta maneira conseguirá o proprietario economia de terreno, e mais arranjos, tendo no fundo as suas cavas, adegas, celeiros, para conservar melhor os vinhos, cereaes e legumes, e principalmente para o senhor e senhora da casa fiscalisarem com facilidade e sem incommodo todos os fornecimentos, e provisões, no que muito ganharão.

Será conveniente collocar a casa em quadrilongo de norte a sul; isto é, mais comprida de norte a sul, do que de nascente a poente, principalmente na beira-mar, para abrigar do vento norte que é o mais dominante, e incommodo desde a primavera até o fim do verão; e fazer que o sol aqueça todos os quartos, e os alumie de manhã e de tarde. É necessario tambem um corredor na parte do poente, que communique com todos os quartos e salas, que devem ser independentes, não tendo mais que uma porta, para o mesmo corredor.

A boa ordem, arranjo, e decencia da familia exigem esta divisão, que não será menos util ao dono da casa, para a vigiar, e fiscalisar, collocado n'um ponto, em que póde ver todo o corredor.

Na extremidade do sul da casa haverá uma varanda, que os ricos poderão ter envidraçada, para se tomar o sol, e haver sempre um logar onde se possa passear sem frio nem incommodo. Os pobres terão a varanda com janellas rasgadas, que abram, quando houver sol. Estas casas serão sempre um aposento de conforto e conchêgo para os velhos, doentos, e creanças, que em muitos dias não podem passear, nem expor-se ao ar. As cosinhas devem, com preferencia ser feitas na extremidade do norte da casa, porque como n'ellas nunca ha frio, se forem collocadas na parte do sul, serão muito quentes no verão. A casa da meza deve ser a mais proxima da cosinha para se não gastar muito tempo nas passagens, e para que a dona da casa possa dar com facilidade as suas ordens aos domesticos, na occasião da comida. As casas de comer tambem assim serão mais quentes, para no inverno se poderem n'ellas demorar os doentes, os velhos, e as creanças, sendo conveniente collocar ahi sofás, e lonas suspensas no ar, para se descançar depois de comer. Nas antigas cidades *romanas* havia nas casas de meza estas camas de repouso, e na verdade parece que ellas convirão a toda a gente depois de jantar, não sugeitando o corpo e estomago á acção de um ar mais frio. Um corredor, cosinha, e casa de comer assim dispostos, além de fazer que todas as casas sejam independentes umas das outras, as farão ao mesmo tempo mais agazalhadas.

Os fogões de ferro convem em toda a parte, e principalmente nas provincias, onde se usa de lenha. Faz-se um desperdicio immenso queimando lenha sem conta, nem contemplação para com as arvores, que custam tantos annos a crescer, e que servem de tanta utilidade á terra e ao proprio clima. Se nas provincias houvesse os fogões que já hoje são muito frequentes em *Lisboa* e *Porto*, porque o ferro e a sua fundição se tem tornado muito baratos, cada familia não gastaria mais do que hoje gasta com as barbaras fogueiras, para onde se atira lenha aos braçados. Com a economia das arvores virá e economia do cortar, carrear e rachar; e tambem a das panellas e utensilios de cosinha: e finalmente as comidas serão mais saborosas e de menos trabalho.

Um fogão em dois annos terá poupado tanto, que d'ahi para diante fica de graça.

A economia de trastes tambem é necessaria, dando a cada uma das casas mezas economicas, e que occupem pouco espaço. Nas casas em que se viver constantemente podem colocar-se mezas amoviveis seguras com dobradiças nos parapeitos das janellas, em fórma de aparadores, forradas de oleado, para se descerem e tirarem das janellas quando se quizer, como se faz á aba de uma meza.

As casas construidas por esta fórma contribuirão para a saude e longevidade, livrando no inverno de humidades, frios, ou lume sem conta nem regra por se não saber graduar.

Ha outra falta a que se deve accudir e é de camas de rede, ou estopa. Além das camas em que se dormem de noite, convém, que haja nos quartos, argolas de bronze, ou ferro, para prender as cintas ou cordas das macas, ou pedaços de panno em fórma de cama, que darão um cómmodo recôbro aos fatigados.

N'um paiz temperado, e quente, como o nosso, são necessarias estas camas suspensas, principalmente aos povos do sul do reino, não sendo desnecessarias aos do norte, para evitar a languidez e frouxidão do corpo com o uso constante de camas, de enxergões e colxões de lã, que são nocivos á saude. Estas camas pensis tem outra grande vantagem, que são optimas para os velhos e doentes, os quaes não podendo fazer outro exercicio, se baloiçarão, o que muito lhes proveitará.

Esta opinião não é nossa; é d'um dos mais sabios medicos de Lisboa; o qual, se necessario fôr, a explanará em um artigo para convencimento dos incredulos.

É o homem de todos os animaes, que o Creador lançou sobre a terra, aquelle que, por sua excellente organisação, melhor se póde conservar, tendo meios e intelligencia para dilatar muito a sua existencia com saude; mas parece-nos que o homem das sociedades modernas tem menos intelligencia para bem viver do que a maior parte dos selvagens e dos brutos; é por isso que não duvidámos sugerir lembranças d'estas que aliás poderão parecer óbvias, porque sabemos que as coisas mais óbvias e mais uteis raras vezes occorrem ao commum dos homens, que por não reflectirem, não verem, não estudarem, não compararem, geralmente se vão por onde se vae, e não por onde se deve ir.

Tudo isto que lembramos será trivial, — será: entretanto a prática é toda avessa e nociva. Logo se algumas duzias de proprietarios, reflectindo pela primeira vez n'estas trivialidades, e, toando-lhes ellas, as adoptarem, já valeu a pena do trabalho, que espontanea e gratuitamente nos estamos aqui dando.

Infinitamente mais poderiamos escrever em relação ás accommodações dos gados, á construcção dos celeiros, das adegas, das despensas, fructeiras etc., mas nem o papel o admitte, nem seria prudente abusarmos mais tempo da paciencia dos leitores cortesãos.

C. X. Pereira Brandão.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

O S. MARTINHO.

11 DE NOVEMBRO.

3610 Nós, a quem a gastronomia nunca fez peccar, nem o vinho jámais tentou, nem os apuros culinarios podem seduzir — tão sobrios no paladar como na politica — é, na verdade, uma inconveniencia escrevermos um artigo sôbre *S. Martinho*, queremos dizer, sôbre a crapula do dia de *S. Martinho*. Quasi que era desnecessaria a explicação, porque este frugallissimo e austero Sancto, sem sabermos a razão, tornou-se o quasi Bacho dos christãos; e o seu nome está por isso tão identificado com o vinho e a bebedice, que ao pronuncial-o se nos não suscita outra idéa.

Lembra-nos que um dia, em que visitámos a rica Bibliotheca da Academia das Sciencias, ainda vulgarmente chamada de *Jesus*, incontrámos uma magnifica obra dos fins do seculo XVI, cujo picante titulo era este: *De naturali vinorum historia et de conviviis antiquorum*. Os elogios que n'ella se leem ao vinho são taes, que, nós mesmos que nunca o bebemos, estivemos quasi a ponto de nos irmos iniciar na *irmandade de S. Martinho*, na primeira bodega que se nos deparasse. O mais interessante, porém, são as descripções das bachanaes, que desde Noé até ás bodas de Canaan, fizeram as delicias de todos os irmãos de *S. Martinho*, muito antes que a mitra do bispo de Tours cobrisse os excessos dos amadores do sumo da uva.

Seria curioso indagar se d'essas antigas bachanaes diriva o uso da *San-Martinhada* dos nossos dias. Ha opiniões de que a abertura das dornas, onde se coseu o vinho novo, é a origem d'este costume. Falta, porém, saber se a tal abertura dos vasos bachicos é causa ou effeito; isto é: se se faz n'esse dia por elle ser dedicado á apotheose da uva, ou se é ella que poz na cabeça d'um Sancto venerando a cabelleira patrona de todas as que no seu dia se tomam.

Como quer que seja, que não estamos habilitados para tractar o ponto, é certo que entre os costumes populares da nossa terra — em quasi toda parte em que se faz vinho, julgâmos nós — um dos mais notaveis é a consagração do dia de *S. Martinho* aos prazeres da mesa, particularmente aos do vinho. Elle é o idolo da festa: a elle se fazem as oblações, e com elle se fazem as libações.

Em toda a parte do mundo onde ha vindimas se celebram ellas com regozijos populares. Querem muitos attribuir-lhes a origem das danças: o que parece um desproposito; mas reflectindo não é. Quem á primeira vista comparar a estupida prostração d'um embriagado com a engraçada levesa de Madame Mabille, deve achar um grandissimo disparate n'esta opinião. — Mas appliquemos a observação. O *irmão de S. Martinho*, quando tomado dos vapores bachicos, não bate quartas antes de caír, é verdade; mas faz *jacés* e *piruetas*; faz attitudes como na valsa, treme como na *Tarentella*, cambaleia como na *Krakoviena*: não é um Pintauro, mas é quasi um Mabille. Já se vê que para origem é sufficiente. O primeiro bebado não foi um Vestris; mas tambem a primeira dançarina não foi uma Taglioni. Desde Alphisibeu e David até Pécourt e Fanny Elssler, os progressos teem sido lentos.

Ora, o que a respeito da dança é apenas uma opinião, torna-se em certeza pelo que respeita ao theatro. Thespis, que foi um exemplar *irmão de S. Martinho*, e o rancho de bebados, de quem elle era cabeça, foram os primeiros dramaturgos e os primeiros actores. As representações dramaticas começaram por ser as *festas de S. Martinho da Grecia*. Porque os *mysterios d'Isis* do

Egipto, as bachanaes d'Athenas e de Roma, não eram outra coisa, ainda que trajadas á pagã.

Claro está, pois, que o dia de *S. Martinho*, celebrado á torneira com o copo na mão, é veneravel pela sua antiguidade, e pela sua importancia moral — e íamos tambem dizendo religiosa, e litteraria. O de que este dia precisava era ser devidamente indagado; para que estas festas populares, que vão diminuindo tanto da sua grandeza primittiva, e se vão perdendo, ficassem ao menos nos registros d'algum espirituoso Paulo de Kock portuguez.

Ainda ha poucos annos, não era só pelas tascas e armazens de vinho, que se celebrava o Sancto Varão da Pannonia, com a abertura de alguma attestada pipa, previamente enramalhetada de loiro e buxo: tambem nas casas do pacifico burguez se ajunctavam parentes e amigos. Comia-se muito, dizia-se muito chiste, e havia grande folgança no meio d'essa fartura homerica e proverbial da cosinha portugueza. Mas as castanhas, entre todas as iguarias eram n'este dia a mais opipara para os bons d'aquelles Lucullos. Ha o quer que é de sympathico (dizem os sacerdotes do rito) entre o vinho e esse fructo, que o torna concomitante da bachica solemnidade.

E na tasca dos operarios, e na mesa do burguez, havia, indispensavelmente, um personagem importante, que symbolisava, talvez, o Thespis dos gregos com as vestes da piedade christã. Chamavam-lhe o *prégador de S. Martinho*. E este prégador declamava uma arenga, mais ou menos ingenhosa, em que os louvores do Sancto se misturavam com os do vinho, no meio de muita sandice, e de muita licenciosidade. Porque n'este dia era permittida mais alguma liberdade ás proprias donzellas recatadas: e os paes riam de boamente de alguns copinhos de mais que as filhas bebiam; e ellas com o mesmo sorriso ingenuo das filhas de Loth — mas não com as consequencias d'elle — riam tambem do empinar dos copos dos seus velhos paes.

Como não havia de ser assim, debaixo do bello céu d'este nosso Portugal, ainda mais lindo e azul por esta quadra, com tão delicioso licor (vá na fé dos juizes competentes) como o que produzem os seus verdejantes bacellos; quando a gente singella de outros tempos nada mais lhe importava,

« Que uma farta colheita e um manso cura! »

Agora, porém, todos estes costumes de antigualhas nacionaes teem-se trocado por outros exoticos. O operario e o artifice da capital deixam a tasca pela galaria das côrtes; e nas provincias os *prégadores de S. Martinho* teem-se convertido em missionarios eleitoraes. Venus tem invadido os dominios de Bacho, e ainda que nós sejamos adoradores da deusa grega, e atheus do Deus thebano, não nos atrevemos a applaudir a usurpação... As casas simples do burguez metamorphosearam-se em salões de baile; assim como as bodegas se transformaram em clubs.....

« Chaque engeance à son tour a brillé sur la terre. »

Silva Leal.

UMA VIAGEM DE DUAS MIL LEGUAS.

APONTAMENTOS — REMINISCENCIAS.

X.

NAVEGAÇÃO DO MAR-ROXO.

MOKA-ADEN.

» En arrivant à Suez, vous appercevez dans un meme tableau les rocs d'Afrique sombres et désolés, — et les dunes de l'Asie, dorées par un soleil que fait miroiter les eaux de la mer rouge, et danser les deux minarets au-dessus des toits gris. »

(*Th. Pavie.*)

3611 UMA caravana numerosa de perigrinos turcos, egipcios, e barbarescos, acampada ao derredor da bahia de Suez, com suas tendas, sombreiros, e roupas, esmaltadas das mais vivas cores, e armados elles de compridas carabinas, pistolas, e alfanges lusentes, dava ao redondo da praya a pictorica apparencia de um campo marcial das hostes de Saladino, ou de Ibrahim, prestes para invadir a Siria. — Reinava o costumado silencio em todo o arrayal, e o subito apparecimento de europeus, com aquelle ar offensivo de curiosidade impertinente, que os orientaes tanto estranham, apenas desviou, por momentos, os olhos de alguns, que não de todos, da direcção de Mécca em que devotamente os conservavam bem pregados. — Esta caravana havia de dar a vela no dia 12 para *Djiddah*, ou *Judá* desembarcadouro da cidade *Sancta*, n'esses chavécos peculiares ao mar-Roxo, introduzidos no Mediterraneo pelos arabes, cuja construcção, simples e grosseira, recorda tempos bem distantes, assim como a sua mareação. — Não se afastam da costa; á noite colhem a pesada vela triangular que os abolina e fundêam. — Do mesmo modo navegam na costa do Malabar os *patamarins* dos hindous, que differem dos barcos arabes em terem duas velas latinas, e não uma, sendo, todavia, uns e outros — de 100 a 200 toneladas — de pôpa alta, e recuada, — e de prôa esguia, e mergulhante. — Em muitos as amuradas são de bambús, liados com cairo e cavilhas de pau.

Voltando sobre a tarde ao *hotel* para jantar, achámo-nos á meza com um grande numero de passageiros, que tambem se dirigiam a Bombaim, dos quaes não tinhamos dado fé no momento da chegada, por se acharem fóra do salão commum. Eram pela maior parte officiaes inglezes ao serviço da companhia das Indias, uns que voltavam da Europa, aonde tinham vindo com licença, e outros despachados de novo para aquellas partes, — negociantes, — missionarios italianos da propaganda, — e varias senhoras inglezas, umas das quaes *Miss Emma Roberts*, já respeitada no seu paiz, e fóra d'elle, pelas obras que tinha publicado, se propunha visitar a India para escrever d'ella, com conhecimento proprio dos logares, das coisas e dos individuos. — Mas era destino seu ser victima, como *Victor Jacquemont*, de um clima que se refusa a investigações laboriosas e porfiadas! Dentro em poucos mezes colheu-a desprecatada a morte em *Pounah*, cidade opulentissima no tempo dos mahrattas, e hoje quasi abandonada pelos inglezes, a dez leguas de Bombaim. — Foi geralmente chorada por seus com-

patriotas, e honrada a sua memoria nos jornaes do tempo.

Pelas 10 horas da manhã do dia 11 embarcámos no vapor — *Berenice* — commandante *Williams Lowe*. — Todos os vapores, que fazem a navegação do mar-Roxo, pertencem á companhia das Indias: — a sua lotação é de ordinario, de 650 a 700 tonelladas — a sua força de 260 a 300 cavallos. — Em aceio, commodidades, e policia são muito inferiores aos do Mediterraneo, como ao diante mostraremos. Por meio d'esta navegação, o governo inglez, e a côrte dos directores da companhia recebem noticias todos os mezes, e expedem as suas ordens de Londres para a India com tanta brevidade que os papeis, escriptos na capital da Grã-Bretanha no dia 4 de um mez, são lidos em Bombaim, quando muito, no dia 10 do mez immediato, e ás vezes ainda mais cedo. — As cartas de Marselha poucas vezes chegam a um mez de data.

A arrumação das bagagens a bórdo é sempre, como se sabe, uma scena de rebolço e confusão, e muito mais nos vapores de longa viagem, em que é força collocar uma parte d'ellas em volta do tombadilho, por falta de espaço interior. — E um acontecimento, que podéra ser mais tragico, se o soccorro não fosse tão prompto, *um suicidio mallogrado*, suspendendo por algum tempo o rolar das mallas, e baús, como que petrificou por momentos, não sómente as damas, e passageiros, se não os proprios marinheiros, postoque inglezes, pela maior parte, uns e outros. Foi o caso.

Passeava sobre a tolda, com passo incerto, e precipitado, alheio ao bulicio, para que todos contribuiam, um mancebo de 20 a 25 annos no qual o vaguear dos olhos espantados, e o contraido das feições patenteavam uma dôr profunda, e desesperada — a de deixar — ¿ quem o sabia? — na Europa, e para sempre, os objectos mais preciosos ao seu coração — violentado a fugir-lhes por circumstancias imperiosas. — ¿Mas quem é? Para onde vae? Nós não o sabiamos, e mal comportava a occasião o fazer a algum dos companheiros de viagem uma pergunta tão desavisada. — Ninguem lhe dirigia uma palavra de consolação; — e das cadeiras, em que as senhoras estavam assentadas, partia um olhar irónico e furtivo que bem revelava não ser desconhecida a causa d'aquella penosa situação a quem d'ess'arte tão cruelmente a aggravava. — Entretanto soam tres horas, e o capitão annuncia que vae largar. . . . . : — despedem-se o consul inglez, e outras pessoas de terra, que se achavam a bórdo, e recresce a agitação do mancebo, a quem o capitão manda intimar, que é tempo de sair do navio. — *Oh! sim*, exclama elle em francez, *é tempo, mas para terra não, para o mar*; — *boa viagem*, — *boa viagem*; — *a minha será mais curta*. — E sem dar tempo a que se interpretassem estas suas palavras, acompanhadas de uma gesticulação forte, e de pranto copioso, atirou comsigo ao mar, do pé de uma das antennas. . . . Das embarcações, que estavam atracadas saltaram logo todos os maritimos, que ainda o poderam salvar, apezar da sua resistencia e do seu profioso debater-se: e o capitão apenas viu, que estava salvo, mas que, desconhecido a todos, tractavam de o reconduzir para bórdo, deu logo, com ar de impaciencia, o signal de partida, que foi promptamente obedecido. — *O Berenice* apartou-se, com a rapidez do relampago, do logar em que se acabava de representar este drama inesperado e lá o levaram quasi moribundo para Suez, ao amante apaixonado, pobre, e mal acceito — Ai d'elle! — ¿ Lograriam tornal-o á vida n'uma terra tão fallida dos soccorros da arte? A' vida sim; mas apenas restituido desappareceu, ignorando-se o seu ulterior destino. . . . .

Seguir desde a Inglaterra uma dama, que o despresava; — acompanhal-a até aos confins do Egipto, alentando-lhe o coração um debil raio de esperança; — e vel-a partir para a India, sem a poder acompanhar, por se terem esgotado os poucos guinéos de um artista, sem nome: eis em poucas palavras, a historia verdadeira d'esse suicidio intentado, talvez por outro meio realisado; — e tão infeliz, que nem uma lagrima de compaixão soube arrancar dos olhos d'aquelles, que o presenciaram. — ¿E a ingrata? ria-se, quando alguem lhe fallava na tétrica aventura!. . . .

C. Lagrange.

(Continuar-se-ha.

NOTICIAS.

GEMIDOS MYSTERIOSOS.

3612 Muitos mezes ha que n'uma casa na rua da *Procissão* n.º 76, se começaram a sentir todas as noites, pelas onze horas pouco mais ou menos, uns gemidos longos, fortes e afflictivos, que depois de se repetirem bem claros íam desfallecendo e degenerando n'uma especie de resfôlego cançado, que não tardava em se esvair, deixando apóz si o silencio mais profundo, e, nos animos dos ouvintes, um terror involuntario. As primeiras, que da novidade deram fé, foram as criadas; tinham o seu aposento no ultimo andar e era precisamente detraz de uma das paredes d'esse aposento, que os sons pareciam proceder. Não se atterraram a principio, attribuindo-os a algum enfermo, ou a algum sonhador de pesadelos, que poderia haver na casa proxima. Entrou porém a desassocegal-as a tão pontual repetição; — fallaram: — os que nada tinham ouvido, zombaram d'ellas; mas dentro em pouco, todos, como ellas, tinham ouvido, e já ninguem ria: — pergunta-se aos visinhos, — «se ha em suas casas doentes, de quem se possam julgar aquelles gemidos.» — Os visinhos espantados respondem que «eguaes percebem elles ha muito, e que os suppunham provindos d'esta propria casa, d'onde agora os interrogam.»

O enigma era de um caracter sinistro: todas as historias tradicionaes de carceres privados, de sevicias covardes, commettidas na escuridade, foram recordadas como inducções para conjecturas: fizeram-se muitos romances, mas a verdade permaneceu occulta, e os dolorosos gemidos não descontinuaram.

Finalmente, pessoa, que já por vezes os tinha ouvido, estando uma noite no seu jardim n'uma rua proxima, ouvindo-os tambem, e exactamente os mesmos; e calculando a impossibilidade de assim se perceberem, a distancia de mais de trezentos passos, simplices gemidos humanos, saidos de um quarto, que certamente se deveria suppor fechado, presuppoz que só á voz de uma grande féra se deviam attribuir; e para logo conjecturou — que o inculpavel auctor de tantos terrores e fabulas poderia, não ser outro senão o leão, que assiste, a boa meia légua, na jáula da

quinta das *Larangeiras*. Logo na seguinte noite foi esta suspeita verificada, acertando-se chronometricamente tres bons relogios, ficando dois nos dois diversos sitios, onde os sons se tinham ouvido, e indo com o terceiro para o pé da residencia do leão pessoa que mais de uma vez os escutára. Ruge o rei dos animaes: á mesma hora, só com a differença de alguns segundos para mais tarde, resoam os gemidos.

Por nos constar que em muitas outras casas do bairro de *Sancta Isabel* e até n'uma da calçada dos *Paulistas*, tem havido as mesmas illusões e sobresaltos, houvemos por util vulgarisar esta noticia.

CONTRARIEDADE POR NEGAÇÃO.

(Carta.)

3713 Difficil é por certo, sustentar longo tempo a redacção de um jornal instructivo, como a *Revista*, sempre com a mesma dignidade, com o mesmo interesse, e utilidade do publico; e com tudo, tem V. ha, annos vencido, esta grande difficuldade, redigindo dignamente o papel impresso, que na nossa terra mais se póde ler, e se deve ler. Que taes são meus sentimentos, provo-o com o facto da minha assignatura desde o primeiro numero, até ao que tenho presente o 16 do vol. 4.º da 2.ª serie, publicado a 7 do corrente mez: n'este porém apar de artigos mais ou menos importantes, vem o 3596 extraido do galhofeiro *Periodico dos Pobres no Porto*, sob o titulo — Matrimonio forçado — e fecha o mesmo artigo a sentimental noticia de que — *a menina perdeu o juizo*. Era possivel se primeiro se provasse que o tinha, ou se todo esse inverosimil conto, que n'elle se encerra, fosse acreditavel; mas como é que um homem sisudo, um conhecedor das manhas e ardis dos traficantes dos differentes generos, tão inconsideradamente se facilita a transcrever em um papel, como a *Revista* um artigo sem assignatura, que ao olho menos critico e perspicaz devia logo vêr seu damnado fim, que se dirige a nada menos do que a rasgar o coração de uma extremosa mãe desacreditando-a; a dar bem pouco lisongeira idéa do recato da filha, suspeitando-a de outra inclinação; a menospresar um cavalheiro que bem o póde ser em toda a extensão da palavra, apesar de official miguelista; a aviltar um ministro dos altares, porque tambem foi (se o foi) miguelista, entre os quaes por certo não ha os peiores ecclestasticos!

Que prova tem V. d'aquelle supposto acontecimento além da affirmativa do periodico d'onde extraiu a carta, e este a que lhe ministrou algum sevandija despresado e desesperado; que em materia de casamentos tambem ha especuladores, e estamos n'isso em tanto progresso como em politica; todos se julgam aptos para tudo, sem considerações sociaes, de merecimentos, de qualidades, e de familia..... Se estas toscas linhas fossem publicas, alguem compreenderia bem as reticencias.

Rogo pois a V. que não permita que a sua acreditada *Revista* seja manchada com similhantes torpezas, que são o cumulo do ridiculo. Os brados e clamores da menina, a mistura de sangue de malhado, os desmaios, os gemidos, e os gritos que despedaçavam o coração, a reclusão, e por fim a loucura, (fallou o providente sublimado etc. etc.) é tudo tão patetico e tão romantico, que bem caberá em muitos periodicos, mas na *Revista* nunca, e V. que escreve para esse pequeno numero de portuguezes cordatos, não mais transcreva artigos, que quando outra immoralidade não contivessem, bastaria recordarem essas odiosas nomenclaturas, essas divisões desastrosas que ha vinte annos dilaceram a nossa patria.

Parece-me que V. concordará que em todos os partidos ha e houve sempre homens de bem, e viceversa; e então é falta de generosidade, é mesmo stulticia, quando para se agravar um facto particular, se recorre á denominação que designa um partido.

Por ultimo posso afiançar a V. que não é exacto o que se diz, e traiçoeiramente se escreveu no artigo a que me refiro: e bastante sinto não me ser permitido desmascarar a impostura, que encerra, o que alli se diz: mas para quem respeita a moral publica, ha considerações que sufocam muitas vezes os desejos; e eu, que bons os tenho de continuar a ser seu assignante, tambem os tenho de não ver mais similhantes artigos no seu bello jornal. De V.

Lisboa 10 de novembro de 1844. *Um Misanthrope.*

SUICIDIO ATALHADO.

(Carta.)

3614 No dia 26 do passado uma rapariga moradora na *calçada do Duque*, havendo-a o seu amante escandalisado em artigos do coração, assentou em pôr termo á vida para se livrar do inferno dos ciumes; comprou ou mandou comprar n'uma botica um escropulo de deutoxido de mercurio (pós de Joannes) e tomou-o com muito animo. Principiou o veneno a produzir o seu effeito: os vomitos suscitam a sua mãe temores e suspeitas: esta corre successivamente a casa de alguns cirurgiões, implorando-os com as mãos postas para que venham acudir a sua filha: todos elles porém apenas ouvem descrever o mal lhe respondem, que não podem ir em consequencia da nova lei que lhes prohibe o tractarem de molestias internas.

Chegou a coisa a ponto de ser necessario accudirem a toda a pressa dois habeis pharmaceuticos, os Srs. *Tedeschi* e *Isidoro*, que lhe applicaram os contra-venenos aconselhados pela sciencia, e a salvaram.

Este facto é um dos que o governo deve tomar na sua alta consideração, quando haja de retocar a recente lei de saude publica: verdade é que ha medicos, todavia não se acham tanto á mão como os cirurgiões, nem são tão accessiveis ás fracas ou nullas posses da gente pobre que é infinita.

Isidoro José Gonçalves.

NECESSARIAS E URGENTES PROVIDENCIAS DE SEGURANÇA.

(Carta.)

3615 Sabendo quanto V. se interessa pelo bem publico, e certo da grande consideração, em que são tomadas as providencias, propostas no seu utilissimo semanario, rogo-lhe o favor de dirigir as seguintes *lembranças* á Camara Municipal.

Na rua das *Trinas do Mocambo*, quasi defronte do convento, fica o muro do quintal d'uma casa do alto de *Castello Picão*, que ha dois annos ameaça ruina, e milagre será se resistir ás chuvas d'este inverno. A rua é estreita e muito tranzitada, e quando desabar, alguem porventura será victima d'esse desleixo.

¿Não seria necessario que a Exm.ª Camara mandasse intimar o dono para reedificar o seu muro?

Na calçada do *Marquez de Abrantes*, defronte da cêrca dos *Barbadinhos*, ha outro que deita para os telhados de umas cordoarias. Os ladrões já lhe abriram uma grande brecha, e principiaram outra que todos os dias cresce. Ha duas semanas foi roubado um inglez por tres individuos, que sairam d'essa brecha; e a semana passada egual sorte teve um pobre rapaz, a quem levaram dinheiro, relogio e fato!

Ser attacado na calçada do *Marquez d'Abrantes*, é como ser attacado no deserto; as patrulhas não tranzitam nunca por ahi, não sei porquê; e é tão inutil defender-se como bradar por soccorro; ninguem acode.

¿Porque fatal esquecimento não tem a Camara mandado tapar essas brechas?

Não julgo que seja por medo á despesa que pouco mais poderá ser de 240 réis.

Lisboa 5 de novembro de 1844. *E.*

REPRESALIAS DE RATASANA.

3616 Noticia-nos uma senhora, que em uma casa ingleza d'esta cidade, juncto ao sitio das *Amoreiras*, uma ratasana entrando n'uma canastra, em que uma gata, excellente caçadeira, tinha e amamentava a sua progenie, em momentos já se sabe em que a mãe andava ausente, matára, com um verdadeiro coração de Medéa, a todos os innocentinhos, abalando e desapparecendo com um d'elles, para remate de atrocidade. «A consternação da pobre mãe, accrescenta a nossa correspondente, não ha mios com que se possa descrever.»

CUIDADO COM RAPAZES.

3617 Escreve-nos do *Porto* o Sr. L. J. de A. que andando um filho do Sr. tabellião *Carneiro*, d'aquella cidade, de edade de oito annos, a brincar no quintal, trepára para cima de um poço, mal coberto de taboas velhas: e quebrando-se ou escapando a que o sustinha, desapparecêra: um criado porém, que de longe o víra, accudiu em tão boa hora ainda, que logrou pescal-o, e restituil-o são, salvo e apenas levemente arranhado, á sua familia, que recebeu no mesmo momento a desgraçada nova e a nova feliz.

TRAFEGO DA CAIXA ECONOMICA CENTRAL.

Na semana de 3 a 9 de novembro de 1844.

3618 Operarios 13, criados 5, profissões liberaes 3, classes de commercio 7, empregados civis 4, exercito e armada 6, ecclesiasticos 3, menores 4, sociedades 1, diversos 10, total 56.

Homens 41, mulheres 15, dos quaes 16 novos. Recebeu réis 3:517$600, restituiu 1:780$200 réis, pagou de juros 12$836 réis.

PROTESTANTES CONVERTIDOS.

3619 Rogo a V. o obsequio de inserir no seu acreditado jornal as seguintes regras, que julgo hão de ser interessantes para os seus numerosos leitores, e edificantes para um publico catholico: tracta-se da conversão de uma familia inteira para a religião catholica.

Thomaz Losh, mestre da fabrica de garrafas sita no *Bom-Successo*, em Belem, e toda a sua familia, constante de septe pessoas, receberam, depois da devida instrucção, o Sacramento do Baptismo; os maiores a 20 de octubro na egreja dos reverendos Padres do Collegio dos Inglezinhos, e dois menores, na egreja de Belem, em um dos dias seguintes. De V. etc.

Um Catholico Espectador.

NEM TUDO QUE LUZ É OIRO.

(Communicado.)

3620 «Meu Sr. remetto a vmc. esse dobrão de cinco moedas á conta da divida: vmc. desculpará não ir mais d'esta vez; mas sabe Deus os tornilhos, em que me eu tenho visto para arranjar isto mesmo; paciencia; o que eu mais estimo é mostrar-lhe que sou amigo de pagar o que devo, e, que se já o não tenho feito, é por mais não poder ser: faça favor de entregar o recibo ao portador, — não é por vmc.; mas ha viver e morrer. De vmc., criado muito affectivo João Antonio da Silva Nogueira. «Tal era o theor de um bilhete, que um rapaz lia meio ás escondidas no vão de uma porta da cidade baixa, na manhã de 7 do corrente. Descia uma mulher com seu capote fino e apparencia de remediada, quando um sujeito, bem vestido, chegando-se ao rapaz e lançando os olhos ao papel, lhe perguntou:

— ¿ Quem te deu isso?

— Ninguem: achei-o na rua.

A mulher, que tinha sua bossasinha de curiosa, pára a escutar.

— ¡ Na rua! ..... continuou o interrogante, com gesto de suspeitoso.

— ¡ Sim sr. na rua ..... assim Deus me salve a minha alma!

— ¿ Mas o que havia dentro d'este papel?

O rapaz perturba-se;

— ¿ Sim? o que havia dentro d'este papel? .... Abre essa mão.

— ¿ Para quê?

— Abre! ..... tal e qual! um dobrão de cinco moedas. ¿ Queres vender isso?

— Quero, sim sr., quanto me ha-de dar?

— Dou-te quatro moedas; hoje o oiro não está valendo nada.

— Ha-de dar quatro e meia.

— Vae-te embora. Não te dou senão quatro.

— Vá lá: desembrulhe-as para ahi.

— ¡ Tu desconfias de mim!

— Eu não sr. ¿ e você?

— Então! ..... bata para ahi o cascalho ou cisque-se, que tenho mais que fazer.

— Eu vou buscar as quatro moedas: espera-me aqui.

Scena II: o rapaz só e a curiosa approximando-se.

Curiosa. — Deixa cá ver: ¿ então achaste na rua?

— Fallou.

— Coitado, foste feliz: ¿¡ cinco moedas, hein?!

— Qual cinco nem meias cinco! .... quatro! .. Você não ouviu áquelle casaca, que não está valendo nada o oiro.

— Não está valendo, não; para quem o não tem.

— ¿ Então visto isso, comeu-me elle, hein?

— Eu sei, filho, elle ha tanta coisa no mundo...

— Ora quer você apostar que o filha....

— Calla a bocca.

— Foi buscar algum *mancipal* para me botar a perder, ou ciscarem-se ambos com o dobrão: pois já me não poem o olho em cima, que me piro.. ....

Dá alguns passos para fugir e volta atraz arrebatadamente.

— ¿ Quer a sr.ª comprar-me este diabo?

— Eu tenho cá dinheiro para isso.

— Faça-se catinga, se lhe parece, ¿ quanto dá?

— Não trago comigo quasi nada.

— ¡ Quanto traz?

— Um quartinho, nem mais cinco réis.

— Vomite; e pegne lá: depressa, depressa.

Effectuou-se a troca n'um relance: e o rapaz desappareceu. Passado um quarto de hora entrava a mulher pela casa de cambio do *Campeão*, á praça da Figueira, para trocar o seu dobrão, e fazia o importante descobrimento de que tinha comprado por 1$200 réis um pesado, formoso e bem lavrado disco de cobre doirado em que só poderia perder 1185 réis; porque 15 réis valia elle aos olhos fechados.